

# A EXPERIÊNCIA DE MÃES ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA: UM ESTUDO ACERCA DOS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA MULHER NO ESPAÇO EDUCACIONAL

## THE EXPERIENCE OF MOTHERS STUDENTS ON THE PEDAGOGY COURSE: A STUDY ABOUT THE CHALLENGES FACED BY WOMEN IN THE EDUCATIONAL SPACE

Poliana Bernabé Leonardeli <sup>1</sup>  
Daniel Rafael de Souza <sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo traz as experiências das discentes mães do curso de Pedagogia da Faceli, destacando os desafios, implicações e as estratégias dessas mulheres para conciliar a maternidade e a formação universitária. Através de normas de gênero, as mães muitas vezes são sobrecarregadas como principais cuidadoras, com a necessidade de equilibrar o tempo entre cuidar dos filhos, estudar e trabalhar, o que pode afetar seu percurso na graduação e levá-las a abandonar os estudos, devido à sobrecarga de funções. A pesquisa se concentra em compreender como a maternidade impacta a rotina das mulheres na faculdade. Este estudo possui uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório. A pesquisa revelou que a falta de suporte institucional, a inflexibilidade nos horários acadêmicos e a falta de compreensão dos professores são as principais barreiras enfrentadas pelas mães universitárias, causando um impacto emocional significativo devido à pressão de conciliar múltiplas responsabilidades sem suporte adequado. Além disso, a discriminação e os julgamentos de ordem moral enfrentados por mulheres que tentam conciliar a maternidade e a educação superior foram questões relevantes evidenciadas.

**Palavras-chaves:** Maternidade. Universidade. Educação Superior.

**Abstract:** The study reflects on how motherhood is related to the experiences and learning process of women who are mothers in higher education, highlighting the challenges, implications and strategies for reconciling this complex interaction between motherhood and the academic life of students on the Pedagogy course at FACELI. Through gender norms, mothers are often overburdened as the main caregivers, with the need to balance their time between caring for their children, studying and working, which can affect their course and lead them to abandon their studies due to overload. The research focuses on understanding how motherhood impacts on women's participation in university. This study has a qualitative approach with an emphasis on descriptive and exploratory research, developed through an online questionnaire, and the sample consisted of 7 students on the Pedagogy course at FACELI. The research revealed that the lack of institutional support, inflexibility in academic timetables and a lack of understanding from teachers are the main barriers faced by university mothers, causing significant emotional impact and stress due to the pressure of reconciling multiple responsibilities without adequate support. In addition, discrimination and judgments faced by women trying to reconcile motherhood and higher education were relevant issues highlighted.

**Keywords:** Maternity. University. Higher education.

- 
- <sup>1</sup> Doutora em Letras (Ufes). Mestra em Letras (Ufes). Professora titular de Língua Portuguesa (Faceli). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1255562758556314>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4534-474X>. E-mail: [pleonardeli@gmail.com](mailto:pleonardeli@gmail.com)
  - <sup>2</sup> Graduado em Pedagogia. Professor da rede pública de Linhares. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6578-313X>. E-mail: [drafaelsouza95@gmail.com](mailto:drafaelsouza95@gmail.com)

## Introdução

A análise da evolução histórica da maternidade e da luta das mulheres por direitos nos séculos XX e XXI, revela que, a princípio, às mulheres restavam poucos direitos e, quase sempre, elas eram destinadas a uma vida de submissão aos maridos, com o dever exclusivo de cuidar dos filhos (Davis, 2017). A mudança gradual desses valores representou um marco crucial na conquista de espaços. A inserção das mulheres no mercado de trabalho foi um deles.

Contudo, antigos discursos em torno da função feminina persistem, como a relação dos homens com a sua prole. Iaconelli (2019) discute a realidade da deserção da paternidade, destacando como os homens muitas vezes conseguem evitar responsabilidades inerentes da paternidade, enquanto as mulheres são forçadas a assumi-las. Essa assimetria na distribuição das tarefas parentais e na responsabilidade pela criação dos filhos reflete uma dinâmica cultural profundamente enraizada, na qual as mulheres são tradicionalmente vistas como as principais cuidadoras da infância.

Essa disparidade nas famílias parentais está intrinsecamente relacionada às dificuldades enfrentadas pelas mulheres em alcançar e manter responsabilidades profissionais, participar de cursos e perseguir suas ambições profissionais. Quando as mulheres são desproporcionalmente sobrecarregadas com a responsabilidade exclusiva da maternidade e dos cuidados infantis, isso pode criar obstáculos significativos em suas vidas acadêmicas e carreiras (Merijane, 2018).

Nesse sentido, as estudantes mães enfrentam desafios ao longo de sua jornada acadêmica e familiar. A literatura nacional e internacional que aborda a experiência da parentalidade entre as mulheres que buscam carreiras acadêmicas revela uma série de obstáculos. Há um claro preconceito de gênero e dificuldades na conciliação entre maternidade e vida acadêmica, uma realidade menos evidente para os homens, que tendem a avançar mais rapidamente em suas carreiras mesmo “casados e com filhos” (Ribeiro, 2016; Almeida, 2014; Almeida; Santos, 2018; Canedo, 2019).

Além das transformações físicas durante a gestação, as mulheres enfrentam desigualdades de gênero e são frequentemente sobrecarregadas com a responsabilidade de cuidar da criança. Essa dinâmica, segundo Almeida e Santos (2018), muitas vezes, moldada por normas machistas na sociedade, coloca a mulher como principal cuidadora da criança, enquanto o pai é visto principalmente como o “provedor”.

Essa divisão equivocada de papéis pode forçar as mulheres a assumir responsabilidades que podem prejudicar sua trajetória no curso e até mesmo levá-las a abandonar os estudos. Diante do exposto, vem à tona o seguinte questionamento: quais são os principais obstáculos enfrentados pelas mães estudantes no curso de Pedagogia da FACELI e como esses obstáculos impactam suas trajetórias acadêmicas e profissionais?

A justificativa deste estudo baseia-se na necessidade de uma análise mais aprofundada dos desafios que as mães enfrentam ao buscar conciliar suas responsabilidades maternas com a busca pela educação superior. Isso ganha destaque devido às implicações significativas nessas questões nas trajetórias acadêmicas e profissionais das mulheres. Muitas mães enfrentam desafios únicos, como a necessidade de equilibrar o tempo entre cuidar dos filhos, estudar e trabalhar. Deste modo, a pesquisa visa compreender esses desafios, analisando como a maternidade impacta na participação acadêmica das mulheres.

Como hipótese primária, tem-se, conforme Cãnedo (2019), que as mães estudantes podem ser submetidas a estereótipos e julgamentos negativos, com a percepção equivocada de que são menos comprometidas com seus estudos devido às responsabilidades parentais. Esse estigma pode resultar em discriminação e falta de apoio por parte de colegas, professores e instituições.

Como hipótese secundária, pressupõe-se conforme Ribeiro (2016), que a falta de políticas de apoio específicas para mães estudantes, como creches ou horários flexíveis, contribui para as dificuldades enfrentadas por essas mulheres e pode estar relacionada com taxas mais elevadas de evasão no curso de Pedagogia da FACELI.

Para responder a problemática do estudo e comprovar as hipóteses trazidas, tem-se como objetivo principal explicar de que forma a maternidade está relacionada às experiências e ao processo de aprendizagem das mulheres que são mães no ensino superior, destacando os desafios, as implicações e as estratégias de conciliação dessa complexa interação entre maternidade e vida

acadêmica de estudantes do curso de Pedagogia da FACELI.

Como objetivos específicos busca-se: a) Identificar as experiências individuais das mães universitária relacionadas à maternidade e ao ensino superior; b) Classificar as dificuldades sofridas por mulheres que são mães e no ensino superior, bem como elencar os principais entraves que impactam seu processo de aprendizagem; c) Realizar entrevistas com estudantes que são mães e também com aquelas que estão grávidas, com o objetivo de compreender suas percepções, desafios e experiências relacionadas à maternidade durante a graduação em Pedagogia na FACELI.

O artigo estrutura-se, de início, pela apresentação do tema do estudo e pela definição dos objetivos. A seguir, o referencial teórico explora a evolução do feminismo e o papel das mulheres no magistério, estabelecendo uma base para a análise das questões relacionadas à maternidade e à vida acadêmica. A metodologia descreve os procedimentos adotados na pesquisa. Na sequência, os resultados e discussões revelam o impacto da maternidade na jornada acadêmica. Por fim, consolidados os dados, são apontadas as descobertas mais relevantes e as conclusões acerca do tema proposto.

## **A presença das mulheres no magistério – apontamentos históricos**

Durante um longo período, segundo Del Priore e Bassanezi (2007) a mulher foi estereotipada como um ser frágil e dócil, destinado à maternidade e ao ambiente doméstico. Desde o nascimento, a sua preparação foi exclusivamente para essas funções. As primeiras iniciativas de educação destinadas às mulheres possuíam como objetivo formar a esposa “ideal” e da mulher/mãe instituída de valores morais e religiosos. Essa educação não tinha como objetivo promover a emancipação das mulheres, mas, sobretudo, fortalecer seu papel como mães virtuosas (Saviani et al., 2017).

Conforme Louro, dentro daquele contexto social a mulher deveria ser educada e não instruída, pois, segundo ela:

[...] na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, *o pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro (Louro, 1997, p. 46).

Por muitos anos, conforme Almeida (2006), as mulheres foram mantidas afastadas do conhecimento intelectual<sup>1</sup>. Após a Revolução Francesa, com o surgimento da burguesia, as mulheres foram convocadas a desempenhar o seu “papel social” na educação de seus filhos (Freitas, 2000). Na trajetória da educação brasileira, a participação feminina gradualmente se consolidou em resposta à necessidade de atendimento às demandas das escolas e à escassez de professores do sexo masculino no ensino básico (Del Priore; Bassanezi, 2007).

Denominado de “feminização do magistério”, de acordo com Perrout (2006), esse fenômeno está intimamente relacionado à expansão da industrialização e à urbanização, à medida que surgiam mais oportunidades de emprego para os homens em outros setores. Devido à falta de atratividade salarial no magistério, a profissão passou a ser considerada como “trabalho para mulheres”.

A baixa remuneração às professoras era socialmente justificado, uma vez que o trabalho das mulheres era visto como complemento da renda familiar. Além disso, a ideia de que o magistério era uma obrigação ou até mesmo uma forma de caridade vocacional, sem a necessidade de investimentos ou valorização salarial, abriu às portas da profissão para as mulheres (Silva, 2002).

Os contratos, que já eram baixos para a docência masculina, diminuíram ainda mais após a entrada das mulheres na profissão, o que levou a um aumento no número de mulheres participantes nesse campo, uma vez que os homens rapidamente passaram a abandoná-lo (Perrout, 2006). As

<sup>1</sup> A educação era uma responsabilidade masculina, com alunos predominantemente desse sexo. O ensino era conduzido, principalmente, por religiosos, como padres jesuítas, ou por tutores, contratados por aqueles que desfrutavam de melhores condições financeiras.

mulheres foram, assim, consideradas como uma escolha ideal para preencher essa lacuna (Almeida, 2006).

Entretanto, segundo Del Priore e Bassanezi (2007), a entrada das mulheres no magistério não foi suficiente para eliminar as divisões e discriminações de gênero que já estavam enraizadas. Essas desigualdades não foram simplesmente dissolvidas com o alcance das mulheres como educadoras. Pelo contrário, a abertura do magistério para elas reforçava a ideia de desqualificação dessas trabalhadoras, perpetuando o discurso de que limitava suas qualidades profissionais.

No senso comum, criou-se uma representação simbólica da tríade mulher-mãe-professora, acreditando que ela era a única capaz de guiar a educação das crianças pequenas. A suposição era de que, diante dos laços de afeto que se formavam, isso seria suficiente para garantir o desempenho da tarefa de lecionar (Almeida, 2006).

Esse discurso invocava um papel feminino baseado em supostos dons relacionados a comportamentos morais, considerando-os inadequados para outras funções no âmbito público (Silva, 2002). A associação da profissão a uma vocação feminina fundamentou-se em explicações que relacionavam a capacidade das mulheres de gerar com a função de cuidar das crianças. Essa função foi considerada intrinsecamente ligada à responsabilidade de educar os indivíduos durante a infância, o que restringia as opções das mulheres ao magistério (Freitas, 2000).

Deste modo, mesmo após as mulheres ingressarem no mercado de trabalho, a concepção de controle permanecia subjacente às atividades que elas desempenham. Essa dinâmica pode ser observada na afirmação de Bruschini e Amado (1988, p. 6): “De uma forma velada, o controle da sexualidade feminina justificaria, daí por diante, que as mulheres trabalhariam com crianças, num ambiente não exposto aos perigos do mundo e protegido do contato com estranhos — especialmente do sexo oposto.”

Assim, sua emancipação no magistério era motivada pela concepção de que as mulheres possuíam uma vocação para lecionar. Argumentava-se que se o destino fundamental da mulher era a maternidade, o magistério, nesse sentido, mais do que uma profissão, seria uma “extensão da maternidade” (Del Priore; Bassanezi, 2007). Embora houvesse tantos estereótipos, foi por meio dessa profissão que as brasileiras trilharam o caminho do mercado de trabalho.

Até a independência do Brasil, a educação popular não era uma realidade, porém, após esse marco, o ensino, pelo menos de acordo com a previsão em lei, tornou-se público e universal<sup>2</sup>. Esse avanço ocorreu com a promulgação da primeira lei de ensino em 1827, que concedia às mulheres o direito à educação, embora com currículos diferenciados em relação aos homens, e permitiu que meninas frequentassem a escola primária (Freitas, 2000).

Apesar da garantia legal à educação, a maioria das mulheres não tinha acesso à instrução, exceto aquelas pertencentes às elites. Além disso, foram impostas às mulheres condições adicionais para atestar sua conduta moral para serem contratadas como docente<sup>3</sup>. Essa ênfase na moral tinha como objetivo não apenas fornecer educação às mulheres, mas também como uma tentativa adicional de controlar seu comportamento (Del Priore; Bassanezi, 2007). Essa abordagem é corroborada pela análise de Catani (1994, p. 28):

---

<sup>2</sup> A partir desse momento, tornou-se necessário formar professoras do sexo feminino, uma vez que os tutores deveriam ser do mesmo sexo que seus alunos. O primeiro curso de ensino normal das Américas foi implementado na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, em 1835, e distribuiu alguns pré-requisitos para quem desejasse cursá-lo, incluindo a “boa moralidade” e uma idade mínima de 18 anos (SAVIANI et al., 2017). Portanto, nesse período, o currículo destinado ao estudo feminino divergia do currículo masculino: as moças eram direcionadas para o ensino de habilidades como costura, bordado e culinária, enquanto os homens focavam seus estudos em disciplinas como geometria. Embora as professoras femininas fossem dispensadas do ensino de geometria, essa matéria era usada como seletiva para determinar seus níveis salariais, perpetuando, assim, a disparidade salarial de gênero. Dessa forma, embora as mulheres tenham o direito à educação, essa educação também reforçava a discriminação de gênero (Freitas, 2000).

<sup>3</sup> Como a apresentação de certidão de casamento, caso fossem casadas; certidão de óbito de participação, se fossem viúvas; e sentença de separação, no caso de mulheres separadas, para avaliar os motivos da separação. Além disso, era esperado que as mulheres se vestissem de maneira “adequada” (Silva, 2002). Importante pontuar, que as mulheres só foram autorizadas a exercer o magistério público aos 25 anos, a menos que ensinassem na residência dos pais, desde que estes fossem considerados de confiança na moralidade. Em outras palavras, embora todos pudessem completar o curso de formação a partir dos 18 anos, havia uma diferenciação na entrada no mercado de trabalho.

[...] a ênfase do ensino feminino [era] nas boas maneiras, nas técnicas, na aceitação da vigilância, na aparência, na formação moralista. Coisa adequada quando o ensino fundamental se destinava às classes populares, pois o que estava em jogo não era difundir as perigosas luzes do saber, mas disciplinar as condutas e refrear a curiosidade.

Durante a primeira década de funcionamento da Escola Normal, muitos discursos levantaram dúvidas sobre os resultados fornecidos por essa instituição. No entanto, ao longo do tempo, esse modelo se legitimou, com um aumento gradual no número de estudantes (Faria Filho; Macedo, 2004). Nesse contexto, o aumento progressivo da presença feminina, a procura crescente das mulheres pela Escola Normal e outros fatores transformaram as percepções sobre essa profissão. Esses números apontam para um processo de feminização do magistério primário que se consolidou no final do século XIX em diversas províncias do Império (Loro, 1997).

Assim, fica evidente que a questão da feminização do magistério primário estava intrinsecamente ligada à presença das meninas nas escolas primárias. Era necessário que essas instituições se adaptassem para acomodá-las, tanto em termos financeiros quanto em relação ao recrutamento e à formação de professores que atuariam nesses estabelecimentos (Brusconi; Amado, 1998).

De acordo com Faria Filho e Macedo (2004), a partir de 1869, o número de mulheres no magistério cresceu devido a diversos fatores, incluindo o estímulo das políticas educacionais que incentivavam a presença de mulheres nas salas de aula e o aumento de meninas matriculadas nas escolas primárias. De acordo com Loro (1997) um dos fatores para a ampliação da participação feminina no magistério foi político. Como as mulheres eram remuneradas com salários baixos, tornaram-se uma alternativa econômica para o governo na expansão do ensino para todos. Neste cenário, Almeida (1998, p. 66) destaca que:

[...] não resta dúvida de que o segmento masculino abandonou o magistério ao longo das décadas, principalmente no ensino primário, senão este não estaria hoje quase totalmente ocupado pelas mulheres; essa é uma constatação baseada em números. O que deve ser esclarecido é se as causas da feminização não serão ainda mais complexas do que apenas o aumento quantitativo de vagas no magistério e a saída dos homens, que considero apenas uma parte da explicação e não toda ela (Almeida, 1998, p. 66).

A autora supracitada aborda as características da migração dos homens do campo educacional em busca de empregos mais bem remunerados, em razão do crescimento industrial do país. Isso também foi influenciado pela crença no valor da instrução como um fator de progresso. Como Nóvoa (1991) destaca, a economia capitalista industrial exigia a criação de novos empregos que seriam ocupados predominantemente pela população masculina.

A crescente participação das mulheres no mercado, a partir da segunda década do século XX, tornou-se mais evidente quando a indústria, o comércio e o setor de serviços passaram a exigir mão de obra com habilidades de leitura e de escrita. No entanto, a imagem da mulher professora ainda era frequentemente associada à figura materna, e o seu trabalho era considerado uma extensão das responsabilidades domésticas (Bruschini; Amado, 1998).

Portanto, a feminização da profissão pode ser atribuída a uma série de fatores, econômicos e sociais (Nóvoa, 1991); a saída dos homens das salas de aula (Almeida, 1998); as baixas oportunidades oferecidas às mulheres (Loro, 1997); a intervenção do Estado na educação (Freitas, 2000); e a missão civilizatória atribuída às mulheres (Catani, 1994). Existem várias explicações para a situação, no entanto, as que parecem mais pertinentes para este texto estão relacionadas à questão de gênero, como defendem estudiosos renomados, incluindo Louro, Almeida, Freitas, Catani e Del Priore e Bassanezi, entre outros.

## A maternidade e a trajetória histórica da mulher no Ensino Superior

Ao analisar a trajetória histórica da maternidade e o esforço contínuo das mulheres em busca de direitos, fica claro que, em épocas passadas, as mulheres eram frequentemente privadas de seus direitos e confinadas a uma vida de subserviência (Davis, 2017). A progressiva conquista desses direitos representou um marco crucial na busca por igualdade, com a inclusão no mercado de trabalho sendo um de seus aspectos.

Durante muito tempo, as mulheres foram restaurando os ambientes de geração de conhecimento, resultando na construção e perpetuação desses espaços, como as universidades, que anteriormente se baseavam em uma lógica masculina e patriarcal (Vieira, 2019). Neste sentido, as mulheres travaram uma longa batalha por seus direitos, demonstrando uma determinação incansável ao longo dos anos, mesmo em uma sociedade que enfrentava desafios relacionados ao machismo (Moura, 2023).

No cenário atual, a educação feminina é reconhecida como um processo para que as mulheres alcancem independência financeira e realização pessoal, sendo formalmente estabelecida como um direito em nossa Constituição de 1988. Nessa perspectiva, a universidade assume um papel fundamental na jornada profissional das mulheres (Oliveira; Souza, 2020).

Apesar dos avanços no ingresso das mulheres na universidade, ainda persistem barreiras que dificultam sua entrada nesse ambiente. Segundo Ribeiro (2016), um dos fatores relacionados às dificuldades enfrentadas pelas mulheres está ligado à maternidade e às responsabilidades domésticas. Nesta perspectiva, toma-se como contexto crucial, neste tópico, a interseção entre maternidade e a educação superior, temática que aborda questões complexas relacionadas à igualdade de gênero, conciliação entre vida familiar e acadêmica, e as barreiras enfrentadas pelas mulheres para alcançar seus objetivos.

A mulher se vê desafiada pela complexa interação de múltiplos papéis que desempenha. Isso decorre, em parte, da persistente concepção de que a maternidade é uma responsabilidade exclusiva da mulher, exigindo uma dedicação integral (Vieira, 2019). No entanto, é importante considerar que, embora a maternidade tenha um valor inestimável, não deve ser encarada como uma obrigação feminina, uma vez que a identidade materna é uma construção social e não necessariamente um projeto de realização pessoal para todas as mulheres (Ribeiro, 2016).

No âmbito do ensino superior, as mães que buscam a formação acadêmica enfrentam desafios significativos. Elas precisam ser conciliadoras quanto ao critério do lar, da maternidade e da carreira acadêmica. Para muitas, essa tarefa se revela tão árdua que a graduação se torna inatingível, enquanto outras, com notável persistência, conseguem conquistar seus diplomas.

Segundo Vieira (2019), as demandas da vida acadêmica e as habilidades maternas não se harmonizam. Para aquelas que são mães e ainda trabalham, a situação se torna mais desafiadora. Conforme observado por Moura (2023), hoje o problema não é entrar na universidade, mas permanecer nela. Alguns desistem por não conseguirem conciliar trabalho e estudos, enquanto outros enfrentam dificuldades ao tentar equilibrar a vida acadêmica com as responsabilidades maternas.

Também merece destaque a situação das estudantes que enfrentam a experiência da gravidez durante o curso. Segundo Almeida e Santos (2018), para elas, lidar com essa etapa, especialmente no início, pode ser um desafio ainda mais complexo, uma vez que a gravidez implica em adaptações e ajustes nos aspectos fisiológicos, psicológicos, sociais e emocionais, podendo afetar o bem-estar da mulher que se torna mãe.

A observação de Bitencourt (2019) sobre o valor atribuído às mães que desempenham o trabalho da maternidade, em comparação com os homens que se dedicam à paternidade, leva-se a considerar como essas percepções impactam a forma como essas funções são percebidas. Nesse contexto, é importante notar que, em relação às mulheres que se dedicam ao trabalho da maternidade, geralmente seus desempenhos são considerados normais, ao contrário dos homens, que quando se dedicam à paternidade, podem ser identificados como verdadeiros heróis.

Mesmo que atualmente há homens que se empenham em cuidar dos filhos e dividir as tarefas domésticas, a maternidade ainda pesa sobre as mulheres, especialmente para aquelas que dispõem de poucos recursos financeiros para contratar serviços de babá, ou não possuem rede de apoio (Oliveira; Souza, 2020). Essa realidade ressalta as complexas questões que envolvem a

conciliação entre a vida acadêmica e a maternidade, bem como as disparidades de gênero que persistem nesse cenário.

## Metodologia

Dada a natureza do estudo em questão e os objetivos definidos, a metodologia proposta para a condução desta pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa, com ênfase em uma pesquisa descritiva e exploratória, desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica e de levantamento de dados.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, seu levantamento foi feito por meio de uma bibliografia pública, com a utilização de livros, monografias, teses, artigos científicos, para melhor compreensão do assunto. Conforme Gil (2002) a pesquisa bibliográfica em uma obra escrita é importante por fundamentar a pesquisa, ou seja, evidenciar as fontes que foram consultadas e as quais foram baseadas para desenvolver o trabalho.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário online, desenvolvido conforme a técnica escolhida, a pesquisa de levantamento de dados. De acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010) o questionário é um instrumento ou programa desenvolvido pelo pesquisador e o preenchimento é feito pelo informante. O questionário foi desenvolvido com 10 perguntas formuladas com base em questões orientadas fundamentadas no contexto teórico da pesquisa. O questionário foi desenvolvido em uma ferramenta online chamada Google Forms, aplicativo que pertence ao Google Drive, grátis e de livre utilização<sup>4</sup>.

A pesquisa foi desenvolvida na Faculdade de Ensino Superior de Linhares – FACELI, localizada em Linhares - E. S, no período de setembro a outubro de 2023. A população da pesquisa constituiu-se de 7 estudantes do curso de Pedagogia que vivenciam a maternidade com idade entre 18 (dezoito) a 35 (trinta e cinco) anos, com filho(os)/filha(as) na faixa etária entre 0 a 10 anos.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que se destina a interpretar o material qualitativamente, garantindo uma descrição objetiva, sistemática e que preserva a riqueza manifestada no momento da coleta dos dados.

## Resultados e discussões

Este tópico apresenta, de maneira concisa, os resultados da pesquisa conduzida com as 7 (sete) participantes. Para preservar a confidencialidade das entrevistadas, serão identificadas, neste trabalho, como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7. Para otimizar a exposição dos resultados, serão destacadas as respostas mais abrangentes. As perguntas abordam questões relacionadas à maternidade e à vida acadêmica. Segundo Reis (2020), ser um estudante universitário é um desafio significativo, pois requer grande dedicação, esforço e tempo dedicado aos estudos.

Diante dessa perspectiva, as entrevistas foram iniciadas com a seguinte pergunta: “Você já teve que fazer escolhas em prol da maternidade que afetavam seus compromissos acadêmicos?”. As respostas a seguir se referem a P1, P2 e P3, ressaltando suas experiências e percepções:

“Sim, tive que largar a faculdade porque não tinha com quem deixar minha filha e a faculdade não aceita bebês e crianças.”  
(P1)

“Sim, várias vezes. Antes de tudo eu gostaria de iniciar dizendo que iniciei minha graduação tardiamente devido a maternidade, quando se tem um filho muito pequeno tudo se torna mais difícil. Já precisei faltar aula várias vezes por minha filha não estar bem, precisar levar ao médico, ou até mesmo só para ter um tempo de qualidade, pois a vida de quem

4 Essa ferramenta permite a elaboração de um questionário completo com todas as exigências para uma pesquisa de coleta de dados, além de possuir facilidade de acesso através de endereço eletrônico.

trabalha e estuda é feita de escolhas, faltar o trabalho não é uma opção tão viável, então faltar a faculdade para dar uma atenção para ela está nas possibilidades.” (P2)

“Sim, recentemente precisei me ausentar da faculdade para estar com minha filha no hospital, por mais de 18 dias. Voltei à faculdade sem ter certeza se os professores iriam tratar o meu caso com empatia. Foi uma situação delicada e mesmo após 1 mês que retornei aos meus compromissos acadêmicos, permaneço na incerteza se vou ser amparada ou não.” (P3)

Os relatos das participantes revelaram um cenário enfrentado por universitárias que são mães, destacando questões relevantes que têm sido abordadas por diversos pesquisadores e acadêmicos na literatura, como Almeida e Santos (2018), Moura (2023), Reis (2020), Ribeiro (2016), dentre outros. Esses relatos refletem a barreira preocupante da falta de estruturas de apoio para estudantes mães nas instituições de ensino. Essa realidade é corroborada por estudos como o de Lopes (2022), que discute a falta de creches e políticas de assistência à infância nas universidades como um obstáculo para as mães estudantes.

Os três relatos ressaltam escolhas difíceis tomadas por essas mães, como deixar a faculdade, adiar o início da graduação, e se ausentar das aulas para cuidar dos filhos. As experiências vivenciadas por essas mães são a realidade de outras diversas estudantes que equilibram os estudos e a maternidade. Segundo Almeida e Santos (2018), são situações comuns do cotidiano em que as demandas da maternidade podem entrar em conflito com as responsabilidades acadêmicas. Essa questão é discutida por autores como Reis (2020), que explora as dificuldades de equilibrar a maternidade com a educação superior e destaca como as mães enfrentam frequentemente dilemas éticos e emocionais ao priorizar o cuidado com os filhos.

Além disso, o desabafo da participante, denominada P3, destaca a importância da empatia e do apoio institucional. Sua preocupação com a possível falta de compreensão por parte dos professores em relação à sua ausência devido à internação da filha reflete a necessidade de uma abordagem sensível por parte das instituições de ensino. Esta questão está alinhada com as descobertas de estudos como a de Andrade (2022), que enfatizam a importância da criação de políticas institucionais que oferecem apoio a estudantes mães em emergências.

Ribeiro (2016) destaca que além de desempenhar o papel materno, as mães também assumem o papel de dona de casa e, se for estudante, precisam lidar com trabalhos acadêmicos. Muitas vezes, essas mulheres ainda precisam conciliar tudo isso com um emprego remunerado. Diante de tal afirmação, surge a segunda pergunta da entrevista: “Considera importante sensibilizar a comunidade acadêmica sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelas mães estudantes? Por quê?”. As respostas abaixo se referem às P2, P5 e P6.

“Sim, eu considero importante porque nós, mães estudantes, precisamos de uma rede de apoio para que possamos concluir nossas tarefas, além disso ainda temos questões relacionadas à saúde dos pequenos e muitas vezes temos que sacrificar uma aula (ou várias) para cuidar deles. As vezes o que nós precisamos é só de alguém que nos entenda e nos acolha.” (P2)

“É de extrema necessidade que a comunidade acadêmica se sensibilize com a situação das mães que ali estão, inúmeras vezes precisei faltar e avisei os professores e nunca senti um pingão de empatia da parte deles, já até pedi para levar minha filha comigo por ela não está bem e eu não perder a aula que seria importante e recebi um “não” como resposta, então fui obrigada a faltar, porque por mais que eu almeje muito me graduar, a minha filha sempre estará no topo das minhas prioridades.” (P5)

As experiências acima refletem sobre a falta de empatia por parte dos professores, mencionada como um obstáculo significativo, o que torna ainda mais desafiador para que as mães universitárias equilibrem suas responsabilidades familiares e acadêmicas. Esse tipo de situação ressalta a importância de políticas institucionais mais flexíveis que podem acomodar as necessidades das mães estudantes em situações exclusivas.

É essencial que as políticas acadêmicas levem em consideração as realidades individuais das mães estudantes, registrando que situações como problemas de saúde dos filhos ou a falta de acesso a cuidadores adequados podem exigir flexibilidade nas regras da instituição. Isso não apenas permitiria que as mães estudantes continuassem a busca por suas metas acadêmicas, mas também demonstrassem um compromisso com a igualdade de oportunidades no ensino superior.

Complementando os resultados da segunda pergunta do questionário, a participante denominada P6, esboça sua insatisfação sobre a rigidez das normas políticas da instituição de ensino:

“Com certeza! Principalmente pelo fato de que a faculdade não aceita atestado de acompanhante. Isso não deveria existir diante de uma mãe, com sua filha toda paralisada, na UTI tendo menos que 1% de chance de se recuperar plenamente (sem sequelas). Esse é apenas 1 caso, mas existem várias mães que estudam na faculdade e se veem desamparadas em relação a isso. Atestado de acompanhante, quando se trata de filho, deveria ser aceito.” (P6)

A recusa da faculdade em aceitar o atestado de acompanhante para cuidar de um filho doente é considerada uma demonstração de falta de empatia e compreensão das situações dos indivíduos das mães estudantes. Essa situação ilustra especificamente a necessidade de políticas mais flexíveis e inclusivas por parte das instituições de ensino. O estudo de Dario (2023) destaca a importância de políticas internacionais flexíveis que podem ajudar as mães a conciliar suas responsabilidades de maternidade com suas aspirações profissionais.

A próxima e terceira pergunta da entrevista questionam as mães como elas se organizam para conciliar a vida acadêmica com as responsabilidades maternas. As participantes P5, P6 e P7 esboçam suas experiências:

“É complicado e bem difícil de conciliar essas responsabilidades, na época do EAD foi bem puxado porque precisava de muito silêncio para participar das aulas e no meio de aula era criança pedindo comida, pedindo banho, atualmente está até mais fácil de conciliar, infelizmente não tem com quem deixar minha filha então nossa rotina começa desde a tarde que é o horário que preparo a janta e deixo o prato dela pronto para ela comer, auxílio em algumas atividades escolares dela e deixo tudo de fácil acesso para que ela fique bem dentro das possibilidades no período que estou fora.” (P5)

“Para poder ir as aulas necessito deixar minha filha de quatro anos com minha mãe, onde busco pós aula. Para estudar as matérias em casa, revisar conteúdo, ou montar trabalhos, tenho que criar estratégias: de segunda a sexta, faço durante a madrugada, depois que minha filha dorme; e nos finais de semana adianto todas as tarefas de casa, dou um pouco de atenção revezando com os estudos.” (P6)

“Vivendo um dia de cada vez, e rezando para o dia seguinte ser melhor que o anterior, pois nem sempre vamos ver ter ajuda de ninguém. Eu mesma já lutei muito sozinha nessa vida, e não foi nem pai de filho meu e nem família que me ajudou. Muito pelo contrário, fui muito julgada pela minha maternidade. O

que resta é enfiar a cara madrugada adentro se quiser garantir algo”. (P7)

Os resultados evidenciam alguns desafios enfrentados pelas mães estudantes na busca por conciliar a vida acadêmica com as responsabilidades maternas. Cada uma delas demonstra estratégias e sacrifícios pessoais que precisam ser feitos para equilibrar essas duas esferas de suas vidas. Esses relatos ressaltam a determinação das mães estudantes, que estão dispostas a superar obstáculos para alcançar os objetivos acadêmicos. Para Silvestre (2019), mulheres com filhos não necessariamente produzem menos, mas essa responsabilidade pode resultar em uma redução temporária no desempenho acadêmico. Como resultado, isso pode acarretar prejuízos na graduação.

O seguimento da pesquisa envolveu questionamentos sobre o apoio oferecido pela FACELI às universitárias que são mães: “Na sua visão, que iniciativa(s) a instituição FACELI poderia implementar para oferecer suporte às mães no contexto acadêmico?”. As respostas abaixo demonstram a percepção das mães P1, P2, P6 e P7:

“Dar no mínimo uma licença de 6 meses que é o período que pode fazer o desmame, muitas mães desistem por não ter coragem de fazer o desmame com 3 a 4 meses.” (P1)

“Há um tempo atrás em conversa com a professora Poliana ela deu uma sugestão que ficou na minha cabeça, a Faceli tem uma brinquedoteca que dificilmente é utilizada, seria de grande valor que eles implementassem um projeto para que as mães pudessem levar seus filhos e deixar lá aos cuidados de alunos da mesma para que pudessem receber horas complementares pelo trabalho.” (P2)

“Aceitar atestado de acompanhante. Incentivar os professores a entender e resolver as situações com empatia, porque tem professor que só obedece ao regulamento, sem pensar no ser humano que ele pode estar prejudicando.” (P6)

“Ter uma sala/equipe de apoio para mães, onde mediante a necessidades deixariam seus filhos durante os períodos de aula. Permitir a entrada dos filhos com suas mães em sala de aula quando não tiver um apoio. E em casos mais emergenciais não considerar falta mesmo não contendo um atestado, pois nem sempre os médicos disponibilizam, e nem sempre é questão de ir aí hospital.” (P7)

As respostas das mães entrevistadas revelam a necessidade de maior apoio e flexibilidade por parte da FACELI para atender às demandas específicas das mães que são estudantes. Isso inclui a extensão da licença maternidade, o uso da brinquedoteca para cuidar das crianças durante as aulas, a facilidade de atestados de acompanhamento e a criação de uma sala de apoio às mães. Essas medidas podem promover a igualdade de gênero no ensino superior, garantindo oportunidades iguais para todos os estudantes.

A pesquisa, na pergunta de número 5, questiona as mães se a abordagem da grade curricular de pedagogia influencia sua percepção sobre a educação do seu filho. A percepção das mães P3, P4 e P5 são evidenciadas abaixo:

“Demais, eu como mãe tenho uma percepção ampla sobre minha filha, por exemplo, hoje eu sei quando ela tem uma dificuldade real ou quando apenas está com preguiça. Mas a principal questão que remete no meu eu mãe referente aos aprendizados que obtive ao decorrer do curso é a importância

dos cuidados com a infância, de que a infância é a base de tudo e que tudo que acontece nesse período reflete ao longo de toda a vida, e por isso após adquirir esse conhecimento mais do que nunca eu cuido para que minha filha tenha uma infância tranquila, leve e linda.” (P3)

“Sim. As disciplinas ministradas pela professora Poliana e Valéria me trouxeram importantes elucidações acerca da literatura infantil e alfabetização. Trago todo esse rico aprendizado para dentro do meu lar, implementando da melhor maneira que posso de acordo com o nível de aprendizagem da minha filha. Além disso disciplinas de história e psicologia, também influenciam o quê e como eu ensino minha pequena.” (P4)

“Sim, pois através do curso, passei a entender melhor como funciona o desenvolvimento da criança, o sentido de construção de memórias afetivas, a ter um olhar amplo, acolhedor e clínico sobre ela.” (P5)

As respostas das mães entrevistadas indicam que a grade curricular do curso de Pedagogia tem uma influência positiva em suas percepções sobre a educação de seus filhos. Elas destacam a importância de adquirir conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança, a construção de memórias afetivas e a compreensão do processo de aprendizagem. Essas mães demonstram que o curso proporciona a elas um olhar mais amplo, acolhedor e clínico sobre seus filhos, o que contribui para uma educação mais eficaz e significativa. A integração entre os conteúdos acadêmicos e a prática como mães reflete a importância do curso de Pedagogia na formação de profissionais capazes de promover um ambiente educacional enriquecedor para suas crianças.

A seguir, segue as respostas das mães sobre a seguinte pergunta: “Você concorda que uma mãe que tem apoio familiar consegue levar a maternidade com mais tranquilidade, ou entende que independente disso às dificuldades enfrentadas por ela serão as mesmas?”. As respostas a seguir se referem as mães P2, P5 e P6:

“Acredito que serão as mesmas, não se pode levar a criança pra faculdade então mesmo com apoio familiar não teria como a criança ficar em casa tão nova sem a mãe. Caso a criança seja grande aí sim as dificuldades seriam menores com o apoio da família.” (P2)

A resposta acima reflete a crença de que, mesmo com apoio familiar, as dificuldades enfrentadas por uma mãe que é estudante permanecem consideráveis, principalmente quando se trata de crianças muito pequenas. Ela destaca a questão da impossibilidade de levar as crianças para a faculdade e a necessidade de estar presente para cuidar dos filhos, o que pode dificultar a conciliação entre maternidade e vida acadêmica, independentemente do apoio familiar. Essa percepção ressalta os desafios enfrentados pelas mães que buscam equilibrar essas responsabilidades e a importância de políticas institucionais flexíveis para atender às suas necessidades. Abaixo seguem as demais respostas:

“Obviamente quando se tem uma rede de apoio a maternidade se torna mais leve, tiro como exemplo disso eu, durante algum tempo eu tive apoio, mas infelizmente em um determinado momento me vi sozinha e confesso que várias vezes pensei em trancar meu curso e desistir de tudo por estar exausta, sozinha.” (P5)

“Com certeza, uma mãe que tem rede de apoio, em qualquer circunstância da vida, mas principalmente quando se trata de apoio para que ela consiga estudar para ter uma profissão, é fundamental. Se eu não tivesse minha sogra na vida, certamente eu teria desistido do curso.” (P6)

As respostas das mães P5 e P6 enfatizam a importância da presença de uma rede de apoio para aliviar os desafios da maternidade durante a graduação. Isso está de acordo com a literatura existente que sugere que o apoio familiar e social desempenha um papel fundamental no equilíbrio entre maternidade e vida acadêmica (COSTA et al., 2023).

Pesquisas anteriores mostram que as mães que têm acesso a uma rede de apoio, seja por meio de familiares, amigos ou serviços de cuidados infantis, têm mais chances de ter sucesso em sua jornada acadêmica (OLIVEIRA, 2007). Esse apoio pode proporcionar às mães mais tempo e tranquilidade para que se concentrem nos estudos e nas obrigações acadêmicas, reduzindo assim o estresse associado à conciliação entre maternidade e vida universitária (ZAGO, 2006). No entanto, as mães que não têm acesso a esse apoio muitas vezes enfrentam dificuldades.

A próxima pergunta solicita as participantes que descrevam uma ou mais situações em que houve discriminação ou piadas veladas relacionadas à maternidade durante seus estudos ou até mesmo no cenário de trabalho, e como essas experiências influenciaram sua jornada acadêmica e profissional.

“Quando não tive ninguém pra olhar meu filho fui obrigada a levá-lo a faculdade e sim teve gente com olhar torto e fofoquinhas, fui para apresentar um trabalho, meu filho tinha uns 2 meses achei um absurdo ter ido apresentar já que tive uma cesariana. Enfim, foram experiências que me desanimaram mas consegui me erguer e não desisti.” (P1)

“Infelizmente nós mães passamos por diversas situações constrangedoras só por sermos mães, algumas vezes precisei sair mais cedo por ter que fazer um longo trajeto até chegar em casa e já ouvi de professores “tá vendo, se tivesse esperado mais um pouco pra ter filho” e também em trabalho por perder oportunidades por simplesmente ter um filho, associam a maternidade com a insuficiência de não poder dar conta de tudo porque temos alguém que depende única e exclusivamente de nós e obviamente sempre estará no nosso topo de prioridade.” (P5)

“Situações em que devido não ter um apoio no dia para ficar com minha filha, sendo preciso faltar, onde professor entende, mas registra falta, por devidos alunos criticarem e pressionarem o professor, pois “ninguém tem culpa da pessoa, no caso eu, ser mãe”. E se demais alunos levarem falta, eu também deveria levar. A questão foi o sarcasmo ao se referir a mim, por ser mãe.” (P7)

As situações evidenciadas mostram alguns dos desafios enfrentados pelas mães no ambiente acadêmico. A discriminação e os comentários preconceituosos baseados na maternidade refletem estereótipos que podem prejudicar a autoestima e a confiança das mães em sua capacidade de equilibrar múltiplos papéis. Para criar um ambiente mais inclusivo e de apoio, é essencial que as instituições de ensino tenham consciência dessas questões e adotem políticas que promovam a igualdade de gênero, garantam direitos iguais às mães e proporcionem flexibilidade quando necessário.

As respostas a seguir se referem ao questionamento feito às mães, sobre como a experiência de ser mãe influencia em suas metas e objetivos acadêmicos. As mães P2, P4 e P6 evidenciaram suas percepções e experiências

“Eu sempre digo que a minha graduação é pela minha filha, minhas metas e objetivos estão direcionados todos a ela, eu quero poder proporcionar um futuro melhor para ela, quero que tenha orgulho de mim.” (P2)

“Eu faço o melhor que posso para dar conta de tudo. Mas não dar conta de tudo não quer dizer que fracassei. A maternidade me trouxe essa experiência e reflexão. Eu não me culpo por não conseguir uma boa nota, eu dou o crédito merecido à mim, porque independente do resultado que eu tenha, eu sei que no processo eu dei o meu melhor.” (P4)

“Sinto que é por ela e para ela, onde o meu futuro influência o dela. Pois busco por um futuro em que possa me estabilizar e propor conforto para ela, em que possa ajudá-la a conquistar muita coisa em que eu quando criança não pude devido as condições de minha família; podendo a incentivar a conquistar um futuro melhor para ela, e ser um espelho e motivo de orgulho.” (P6)

Essas respostas refletem o impacto significativo da maternidade em suas metas e objetivos acadêmicos. A experiência de ser mãe se torna uma motivação para o sucesso acadêmico, direcionando seus esforços e determinação. Elas buscam melhorar não apenas a própria vida, mas também a vida de seus filhos, proporcionando-lhes um futuro mais promissor.

Essas respostas também destacam a resiliência e a determinação das mães universitárias, que ao confirmar em um dos relatos, que não dar conta de tudo não é um sinal de fracasso, mas sim um reflexo das múltiplas responsabilidades que enfrentam. Além disso, percebe-se que as mães entendem que a busca pela educação superior não apenas enriquecerá suas próprias vidas, mas também criará oportunidades para seus filhos e servirá como um exemplo inspirador.

É importante destacar que, embora as respostas das mães entrevistadas demonstrem uma forte motivação para seguir com a graduação e alcançar seus objetivos acadêmicos no prol de seus filhos, isso não significa que elas não enfrentam dificuldades ao longo da jornada. Pelo contrário, como evidenciado neste estudo, essas mães enfrentam desafios persistentes, desde a conciliação das responsabilidades maternas com as acadêmicas até a discriminação e os obstáculos que surgem devido à maternidade.

A pergunta seguinte questiona se as mães acreditam que, a nível governamental, há a necessidade de políticas públicas específicas para apoiar mães estudantes. As respostas a seguir referem-se as mães P3, P5 e P7.

“Deveria haver políticas públicas voltadas as mães, dificilmente vemos mães se graduando, muitas não chegam nem a concluir o ensino médio devido as dificuldades que enfrentamos.” (P3)

“Sim, afinal grande parte das mulheres não ingressam ou não permanecem nos estudos devido os obstáculos enfrentados e a falta de apoio legal.” (P5)

“Conscientização e apoio devem começar desde cedo, lá no fundamental. E não digo de nada superficial, estou falando de campanhas reais.” (P7)

As respostas das mães entrevistadas revelaram um forte consenso quanto à necessidade de políticas públicas específicas para apoiar mães estudantes a nível governamental. Elas enfatizam os obstáculos e dificuldades enfrentados por mães ao buscarem a educação superior, que muitas vezes resultam na desistência dos estudos. Essas mulheres acreditam que as políticas públicas para mães estudantes podem ser um meio eficaz de minimizar os obstáculos existentes e incentivar mais mulheres a ingressar e permanecer nos estudos.

Para finalizar a pesquisa, segue a última pergunta feita às mães participantes: “Como o peso do preconceito estrutural de gênero se manifesta na sua jornada como mãe, estudante e mulher, sobretudo no contexto acadêmico, e de que forma isso molda as suas interações e oportunidades? Em outras palavras, como é ser mulher, mãe e estudante em uma sociedade que carrega o estigma

de que a mulher nasceu para ser a dona de casa?”. Abaixo estão representadas as respostas das mães P2, P5 e P6.

“Quando eu falo que vou pra faculdade e me perguntam com a criança vai ficar, que o pai não tem jeito de cuidar da criança, que a criança vai sofrer e vai ser minha culpa.”

“Desde quando meu filho nasceu (hoje ele tem 1ano), eu sempre ouvia “você é doida de deixar uma criança pequena em casa”. Já ouvi dizerem o certo era eu ficar em casa cuidando dele e da irmã que hoje tem 4 anos. Enfim, o importante é seguir em frente”

“É frustrante você já nascer com um fardo que não é seu, não é você, mas é para você, pois estão te dando, te rotulando. Mas ao enfrentar todas essas dificuldades, permanecendo no curso, é um sentimento de superação diária, pois não é alguém que vai dizer quem sou, o que sou e o que devo ou não fazer. Eu me defino, eu me rotulo, e eu devo saber o que é bom ou não para mim, o que posso ou não e qual é o meu limite. Enfatizando sempre a igualdade, não sou melhor por ser mulher, mãe e estudante, mas também não sou pior, tenho os mesmos direitos e deveres. E acima de tudo, acima de mim, tenho uma filha em que precisa de mim, e é por ela que creio e busco um mundo justo. Pois é uma menina e sei que já nasce carregando todo esse estigma, hoje ela é pequena, mas um dia será uma grande mulher, em que estudará, e lutará pelos seus direitos.”

As respostas das mães entrevistadas ilustram como o preconceito estrutural de gênero ainda está presente na sociedade, influenciando suas jornadas como mães, estudantes e mulheres, especialmente no contexto acadêmico. Uma delas menciona que frequentemente enfrenta questionamentos e críticas devido à escolha de continuar seus estudos enquanto também são mães. Esse aspecto, também exposto no estudo de Silvestre (2019), reflete a persistência de padrões tradicionais de gênero na sociedade, nas quais as mulheres muitas vezes estão associadas principalmente ao papel de cuidadoras e donas de casa.

É visto, de acordo com os relatos, que as mães participantes dessa pesquisa enfrentam estereótipos que questionam sua capacidade de equilibrar o cuidado com os filhos e a busca pela educação superior. No entanto, elas expressam uma forte determinação em desafiar esses estereótipos e afirmar seu direito de alcançar suas metas educacionais, profissionais e pessoais. Em uma das respostas é enfatizado a importância da igualdade de gênero e a necessidade contínua de fortalecer e superar os preconceitos de gênero profundamente enraizados na sociedade.

## Considerações Finais

Ao finalizar a pesquisa, é fundamental ressaltar a amplitude dos desafios enfrentados pelas mães universitárias. Estas, ao conciliar maternidade e a educação superior, enfrentam uma série de obstáculos significativos. Essa pesquisa evidenciou que a exigência da universidade muitas vezes entra em conflito com as responsabilidades maternas, e essa tensão é agravada pela falta de suporte institucional adequado. Deste modo, foi apontando a ausência de suporte institucional, como a falta de políticas ou serviços para apoiar as mães universitárias, como uma grande dificuldade.

Os resultados também apontam para uma inflexibilidade dos horários e regras acadêmicas, tornando difícil conciliar os compromissos maternos com as responsabilidades da maternidade. A falta de compreensão por parte dos professores em relação às situações de imprevisto ou corriqueiras enfrentadas pelas mães estudantes foi outro ponto em destaque. Vale destacar, deste

modo, que os relatos apontaram para um impacto emocional significativo, desencadeando estresse mental devido à pressão de conciliar múltiplas responsabilidades sem um suporte efetivo. Além disso, a discriminação e os julgamentos foram questões abordadas, devido à presença de uma reflexão sobre o papel das mulheres que tentam equilibrar a maternidade e a educação.

Uma abordagem de políticas mais inclusivas e flexíveis no ambiente acadêmico é essencial para permitir que essas mulheres mantenham seu compromisso com a educação superior sem comprometer suas responsabilidades familiares. Políticas que incluem apoio em creches, flexibilidade nas faltas e na entrega de trabalhos acadêmicos são essenciais para oferecer suporte adequado.

Além disso, é crucial sensibilizar a comunidade acadêmica sobre as dificuldades enfrentadas pelas mães estudantes. A educação é um direito fundamental e deve ser acessível a todos, independentemente do papel parental. Isso requer uma mudança na mentalidade e no ambiente universitário, garantindo que a maternidade não seja um fator limitante no progresso acadêmico e profissional das mulheres.

Este estudo, embora com resultados significativos, possui limitações que dizem respeito à sua amostra. A pesquisa foi realizada exclusivamente com formandos do curso de Pedagogia de uma única faculdade. Portanto, as descobertas e conclusões extraídas não podem ser generalizadas para um contexto mais amplo.

Sugere-se a realização de pesquisas futuras com uma amostra mais diversificada, considerando diferentes cursos, faculdades e regiões do país. Isso permitiria uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados por mães estudantes em ambientes universitários variados, possibilitando a identificação de outras dificuldades e experiências.

## Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. **O legado educacional do século XX no Brasil**, v. 2, p. 59-107, 2006.

ALMEIDA, Viviane Cordeiro; SANTOS, Carolina Maria Mota. Trabalho, carreira e maternidade: perspectivas e dilemas de mulheres profissionais contemporâneas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 583-605, 2018.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social**, v. 29, 2013.

ANDRADE, Inara Carvalho de. **Assistência estudantil para mães estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo na FUP/UnB**. 2022. 138 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BETTO, Frei. Marcas de batom: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no Mundo. **ALAI, América Latina em Movimento**, 2001.

BIROLI, Flávia. **Teoria política e feminismo-abordagens brasileiras**. Horizonte, 2016.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estudos de Sociologia**, v. 24, n. 47, 2019

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de pesquisa**, n. 64, p. 4-13, 1988.

CATANI, Denice Bárbara. Lutas pela profissionalização do magistério no Brasil: a participação das mulheres (1900-1920). **Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres: resumos das conferências e comunicações**, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira et al. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

COSTA, Jennefer Luana dos Santos et al. Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 11, n. 1, p. e6226-e6226, 2023.

DARIO, Andreza dos Santos Oliveira et al. **Universidade e maternidade: a experiência de mulheres que se tornaram mães durante a graduação**. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla Beozzo (Ed.). **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2007.  
FARIA FILHO, Luciano Mendes de; MACEDO, Elenice Fontoura de Paula. A feminização do magistério em Minas Gerais (1860-1910): política, legislação e dados estatísticos. In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação**. 2004.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Memórias de professoras: história e histórias**. Editora UFJF, 2000.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas**. Tradução Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes Limitada, 1971.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LOPES, Larisse Raphaely da Silva. **A Efetividade do programa nacional de assistência estudantil a partir da percepção das estudantes-mães beneficiárias do auxílio creche na UFERSA Campus Mossoró/RN**. 2022.

LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. reimp. São Paulo: Atlas, v. 310, 2007.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Feminismo e política: dos anos 60 aos nossos dias. **Estudos de Sociologia**, v. 17, n. 32, 2012.

MOURA, Rayanne Alves de. **A travessia das mulheres-estudantes-mães da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectiva crítica na psicologia social**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote "O passado e o presente dos professores". NÓVOA, A. Profissão professor. Porto Editora, 1991b. Col. Ciência da Educação, 1992.

OLIVEIRA, Tatiana Viana; SOUZA, Mirian Alves. Mães Na Graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, p. 1769-1785, 2020.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot: tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michele. Michel Foucault e a história das mulheres. **O legado de Foucault**, p. 63-80, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. Cortez editora, 2017.

SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. autores associados, 2017.

SILVA, Erineusa Maria. **As relações de gênero no magistério**: a imagem da feminização. EDIUFES, 2002.

SILVA, Jaqueline Soares da. **Formação de professores**: os desafios das mães universitárias no curso de pedagogia da UFRJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) -Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VIEIRA, Fabiana Rodrigues. **Maternidade na graduação e os desafios de ser mãe na atualidade**: uma análise da situação das Universitárias da UFT do Campus de Tocantinópolis. 34 f. Monografia (Graduação) - Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso de Pedagogia - Campus Universitário de Tocantinópolis TO. 2019.

Recebido em 20 de Agosto 2024.

Aceito em 23 de setembro 2024.